



CISGENERIDADE, VOCÊ EXISTE?

Samuel Bittar

Nunca vi ninguém te citar. Nunca vi ninguém como você. Você se esconde? Ou não existe?

Que brisa.

Você é pressuposto? Tipo... um ser humano é não trans e alguns são trans? (aquelas exceções das entrelinhas quase não-humanóides?)

Eu sou seu não? Uma falta? Ou sou uma adição sua? Uma invenção a partir de você? Me explica essa sua confusão. Tudo bem não ser você... Mas eu me sinto uma ameaça ao seu existir com você me dividindo tanto do que sei lá que é você! Mas por que você nunca me diz o que é? Por que tudo é sobre você ao mesmo tempo em que nada é sobre você?

É, me foi dado um nome... Esse *eu* ai na boca do não-eu... Mas me foi dado um nome... Um nome que carrega muitos sentidos para além de mim.

Então,

me diz...

Você existe?

DIREITO À AUTOESTIMA

Samuel Bittar

CHAPADO, COM UM NEURÔNIO FUNCIONANDO E DEPRIMIDO HÁ DIAS, CLICO EM MINHA FOTO DE PERFIL. EM UM LAPSO DE MEMÓRIA, NO MEIO DE UMA LESEIRA DO PREENSADO, PENSO:



Descrição de imagem: a imagem mostra um desenho com a seguinte descrição no topo:

a descrição “Chapado, com um neurônio funcionando e deprimido há dias, clico em minha foto de perfil. Em um lapso de memória, no meio de uma leseira do prensado, penso:”. Em seguida, logo abaixo, há uma pessoa vestindo uma calça, com cabelo curso e dizendo, em uma caixa de diálogo, “Nossa, essa foto parece aquelas fotos de pessoas trans que morrem por suicídio”. A pessoa olha para o celular, que, ampliado em uma caixa, mostra uma foto e comentários.



DIREITO À SAÚDE, POLÍTICA PÚBLICA DE IDENTIDADE E VIOLÊNCIAS SISTEMÁTICAS A CORPOS DISSIDENTES

Samuel Bittar

É urgente e possível o exercício dos direitos e cuidados com a saúde sexual dos nossos corpos! Porque saúde é também direito à sexualidade. É igual e conjuntamente urgente práticas em que nossos corpos narrem sobre si mesmos!

E não me venha com a tentativa escrupulosa de me acusar de “pós modernista” como algo idiotizado, liberal, ou obra de uma “ficção política”... É fato, tá vivo, tá operando. O corpo é símbolo de leitura e narrativa. *Esses corpos* também estão no mundo se compondo materialmente em coletivos. E apesar de você e sua desonestidade, as mais plurais experiências de vida continuam em construção para além do seu negacionismo.

A linguagem simbólica está nas bases construtivas de nossas relações. A desassociação ou a polarização de natureza-cultura é uma farsa conceitualmente trabalhosa! Não há nada mais biológico (no sentido mais humano) como a cultura! Como a multiplicidade de relação, subjetivação e organização social como é!

Quando pensamos políticas públicas de saúde (porque toda política é de saúde) sob a ótica da identidade essencialista-biológica, estamos aplicando aos corpos uma memorosa violação.

Para iniciar, me vem a seguinte retórica: A quem se deve a autoridade de falar sobre saúde de si e relação consigo se não o autor do próprio corpo? Que projeto de saúde social é este e para que o serve finalissimamente?

A política pública vigente é invariavelmente uma política de identidade, e esta realidade impede o acesso e o direito aos nossos corpos, como também inviabiliza cuidados, sentidos diversos de cuidado e tecnologias não hegemônicas de cuidado com o corpo.

Por exemplo, o que é voltado à mulher é voltado a todas as mulheres? Que mulheres são essas? Mulheres se constituem socialmente apenas como mulheres? Quais



os sentidos de procura de cuidado para esses sujeitos mulheres? A categoria de “mulheriedade” é suficiente para responder ao cuidado com o corpo da mulher?

Me é perigoso aquilo que é oculto, isto porque compreendo que a identidade é um fenômeno *expansivo* e *contra-expansivo*, pois busca caminhos subjetivos de *manutenção narrativa*. E, pasmem! Nossas identidades estão em crises! (Como não estariam?)

Me preocupam os edifícios identitários, aqueles que validam, viabilizam e se apropriam das identidades dissidentes. Dentre as consequências da identidade que não se revela (pois se compreende como normal-padrão) está o modo de *defesa lógica*, em que suas definições históricas explicitam também suas contradições, o que operacionalmente em nossos modos de relação e organização social promove de modo amplo adoecimentos, embotamento da existência; e violências diversas das práticas mais sorrateiras e burocráticas de dominação. O paradoxo dessas identidades do topo é que estas também nomeiam as identidades subalternas; as expulsam conceitualmente para promover certo *purismo*. É no mais tosco um ranking de existência – como se aquilo que não preenche seus critérios não pudessem existir por si só, apenas a partir de certa lógica-validade. Ao mesmo tempo não se nomeiam como *o outro*, atuam como narradores fidedignos e universais de toda e qualquer lógica. Essas *identidades puras* acabam por “não existir” na consciência por sua implicitez (não se atribuem de cultura, é aquilo de mais banhado do verdadeiro no sentido platônico) e por isso não cogitam a possibilidade de autocrítica. A autoalienação de sua construção como sujeito não apenas lesa a si, mas constrói em si subjetividades extremamente egóicas, arrogantes, narcisistas e... invejosas.

Sentem inveja dos seus *iguais* (ou melhor conceituando, daqueles em que se tem *afinidade identitária* e de poder) e praticam uma arrogância que revela sentirem-se merecedoras de se apoderar de tudo e todos. E por sentirem raiva de não possuir aquilo que lhes é direito sobre *os outros*, a alienação de sua própria construção o faz burro empaticamente, perigoso e explosivo. Quem sofre com os estilhaços dessa inveja sofre também um ciclo de violência: de classe, de gênero, de raça/etnia, de etarismo, de capacitismo, e assim vai.

Sobre sua autodefesa: agem como se protegessem com todas as suas garras do abalo identitário de estar no topo; temem a incerteza, o fracasso e o descontrole.



Carregam também através de seu poder uma boa autoestima, a possibilidade de ser bom e justo ao poder escolher como um jogo governista quando aplicar o poder ou não.

Por fim, retomo – sem fechar essa densa discussão – aos efeitos nas identidades e corpos subalternos: Quais são os impactos de se narrar corpos com biologies diversas, RGs diversos, cosmovisões diversas quando aplico ao outro a minha categoria de análise impositiva sobre o que ele é e não o que ele se revela ser?

ESTRITAMENTE CISSEXUAL

Samuel Bittar



Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho de uma figura semelhante a um rosto de perfil, com pescoço e ombros pretos e face cheia de pequenas linhas, parecidas com pelos, e uma protuberância cilíndrica no centro, que, contextualmente, se assemelha a um clitóris. Ao lado esquerdo, há a frase “Só me relaciono com cis” em uma caixa de diálogo preta, e, logo abaixo, há a frase “Zé Buceta”. No canto inferior direito, há a assinatura “ZAM”.